



Simpósio e Diplomação
de Novos Membros
Afiliados da ABC
2025-2029
REGIONAL SP

DISCURSO DO SIMPÓSIO E DIPLOMAÇÃO AFILIADOS SP 2025-2029

BRUNO GUALANO

Prezados e prezadas cientistas,

Tenho a honra de falar em nome dos Membros Afiliados que serão diplomados hoje. Gostaria de proferir algumas breves palavras sobre este momento de grande satisfação. Antes de tudo, preciso agradecer a todos os colegas da Academia pela confiança da indicação. Fazer parte desta instituição, que simboliza o mais elevado padrão da ciência brasileira, é um privilégio e, ao mesmo tempo, uma imensa **responsabilidade**.

Digo isso porque, mesmo em tempos atuais, a Ciência não ocupa um lugar seguro na sociedade. Vivemos a chamada crise da verdade, em que apelos à emoção suplantam os fatos objetivos. Essa é uma marca da cultura digital, que, com sua lógica de algoritmos e engajamento, sequestrou a racionalidade e, com ela, a essência do que é verdadeiro ou falso. O discurso — um procedimento argumentativo guiado pelo diálogo e orientado ao entendimento mútuo — desapareceu. Restaram as tribos sectárias, alimentadas por fragmentos de informação que unem indivíduos pela aversão a qualquer opinião que ameace sua identidade.

A ciência, por sua vez, é alérgica à lógica digital. Sua narrativa é lenta, dirigida aos fatos, sensível à refutação e ao debate. Ela não diz o que se espera ouvir, nem oferece verdades absolutas. Assenta-se na razão, não no afeto. E opõe-se vigorosamente ao embrutecimento das câmaras de eco digitais.

Daí surge a pergunta: que espaço resta à Ciência? Há quem proponha que a Ciência, para sobreviver, deva **ceder** à lógica das redes: comunicar-se de modo afetivo e buscar tocar o coração das pessoas. Sim, é preciso reconhecer que o afeto produz efeitos mais imediatos que a razão. Porém, na comunicação afetiva, não são os melhores argumentos que prevalecem, mas sim as informações que mais emocionam. E quando a emoção suprime a racionalidade discursiva, a comunicação se reduz à mera transmissão de dados, e a Ciência, como manifestação racional, se enfraquece.

Theodor Adorno, pensador da Escola de Frankfurt, já alertava sobre os riscos de **adaptar** o conhecimento para **integrar** as massas. O resultado é uma formação incompleta e deformada, que torna o indivíduo alienado e conformista. E é crucial notar **esta que é** a principal consequência da semiformação: ao sentir-se pleno com os fragmentos de cultura que recebe, o sujeito semiformado afasta-se da formação

verdadeiramente crítica. Por isso, a semiformação não é um meio-termo entre a incultura e a cultura, **senão o próprio interdito da cultura.**

Mas não compartilho inteiramente do conhecido pessimismo de Adorno. A ciência carrega em si uma **“vontade de verdade”**, num sentido nietzschiano: verdade como energia vital, ligada aos valores humanos e à organização compreensível da realidade. Para que essa vontade se materialize, a ciência deve preservar seus critérios epistemológicos, resistir a adaptações culturais simplistas e, sobretudo, **estimular que cada vez pessoas consigam apreendê-la.** E esse é nosso maior desafio.

As nações que avançaram na alfabetização e na popularização científica apontam o caminho: investimento massivo em **educação**, com currículos coerentes e exigentes, estímulo ao pensamento crítico e políticas baseadas em evidências. É nesse embate pelo projeto de nação que o cientista cumpre sua principal função ético-política: **contribuir para a emancipação crítica da sociedade.** Missão que esta Academia executa com competência há mais de um século e da qual agora temos o orgulho de participar.

Quero concluir com esta provocação do filósofo Massimo Pigliucci: “A ciência é a melhor ferramenta que temos **para entender o mundo**, mas entender o mundo não é o mesmo que **saber como viver nele.**” O que Pigliucci nos lembra é que os problemas complexos que assolam a sociedade não se resolvem apenas com o melhoramento da técnica. Técnica não se confunde com racionalidade. Afinal, como se fundamenta a racionalidade num país que — impulsionado por um inegável desenvolvimento científico-tecnológico — tornou-se um líder global na produção e exportação de alimentos, mas que ainda se permite conviver com mais de 8 milhões de brasileiros em situação de fome?

É, portanto, imperativo que **os valores da Ciência** estejam visceralmente comprometidos com **a dignidade humana, a não violência, a não discriminação e a liberdade de pensamento.** Só assim a Ciência pode se tornar um antídoto contra a irracionalidade e o seu filhote, o negacionismo — esta praga que ameaça a saúde da população, a sustentabilidade planetária e a própria democracia.

Perante esses desafios, e especialmente diante da ascensão do autoritarismo e do totalitarismo, que têm na Ciência sua inimiga predileta, **o fortalecimento desta Academia é vital.** Portanto, Presidente Profa. Helena Nader, Prof. Glaucius Oliva, Profa. Mercedes Bustamente, a quem devo a honra desta indicação, e demais Membros Titulares, contem com nossa energia e nosso compromisso para elevar e disseminar a Ciência brasileira como um dos bens culturais mais preciosos deste país.

Obrigado.